

Pauta: Importância dos atendimentos odontológicos no SUS

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): (10h11min) Estão abertos os trabalhos da presente reunião da Comissão de Saúde e Meio Ambiente – COSMAM, hoje com a pauta: Importância dos atendimentos odontológicos no SUS. Estamos com as presenças do Ver. Aldacir Oliboni, Ver.^a Mônica Leal, proponente da pauta. Foram convidados o Gabinete do Prefeito, Secretaria Municipal da Saúde, secretário Fernando Ritter; Diretoria de Atenção Primária; Procuradoria-Geral do Município; Defensoria Pública; Hospital Divina Providência; Hospital Vila Nova; Instituto Brasileiro de Saúde; Ensino, Pesquisa e Extensão para o Desenvolvimento Humano. Está chegando a nossa colega, Ver.^a Lourdes Sprenger.

Quero parabenizar a Ver.^a Mônica Leal pela pauta. Eu tenho uma meta de visitar todos os postos, secretário. Registro a presença da Ver.^a Cláudia Araújo, nossa vice-presidente da comissão. Então, eu tenho percorrido os postos de saúde. Graças a Deus, em cima dessa pauta, temos visto que as pessoas têm sido atendidas no seu bairro. Temos problemas? Temos muitos problemas, há locais que ainda só tem a cadeira, não tem o dentista; outros locais não têm espaço para colocar mais cadeiras, ou para colocar uma cadeira, enfim, são coisas que vão se ajustando.

Mas olhem aqui uma matéria, 05 de outubro de 2002: ““Espera para atendimento odontológico pelo SUS, em Porto Alegre, pode chegar a quatro anos.” Eu creio que isso aqui já passou. O secretário vai passar depois o raio X aqui do Município. Eu acredito que isso aqui já tenha vencido. Por exemplo, em outras unidades, como a do Monte Cristo, que é um problema, a cadeia de odontologia fica no porão. Eu até brinco, o porão dos ratos. É lá num porão e úmido ainda, enfim, um troço precário. Mas lá estão lutando para trocar unidade, com o tempo, com certeza, vai melhorar.

A Ver.^a Mônica Leal, proponente, está com a palavra para fazer a sua explanação inicial.

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): Bom dia a todos, presidente da comissão, da qual eu sou membro, Ver. José Freitas, Ver.^a Cláudia, Ver.^a Lourdes, Ver. Oliboni. Quero agradecer a presença do secretário – também a Mônica, minha xará, obrigada pela presença. Eu propus essa pauta à comissão por considerar muito importante e porque a minha origem é da comunicação, eu sou jornalista. Eu também li essa matéria e fiquei extremamente preocupada quando as pessoas relatam que esperam quatro anos para um atendimento. E mais, em outubro do ano passado, o portal g1, esse a que me refiro, ele dizia que eram mais de 17 mil pessoas na fila, sendo que a metade delas aguardavam um tratamento de canal, não é nem estética: tratamento de canal é dor, é necessidade, é saúde. Justamente pensando em como nós, vereadores da Comissão de Saúde, poderíamos ajudar a trazer essa pauta, a entender e nos colocar à disposição.

Quando se fala em saúde, muitas vezes nós acabamos esquecendo da saúde bucal, e é fundamental não só pela questão estética, mas principalmente para evitar doenças graves, riscos a vida humana. Para muitas pessoas, a única possibilidade de fazer qualquer tipo de tratamento, de procedimento odontológico é pelo SUS, e nós precisamos garantir esse atendimento, esse cuidado tão importante e que não pode ser negligenciado pelos porto-alegrenses. Então, para que possamos tratar desse assunto com clareza, além dos diversos representantes da área da saúde que foram convidados, nós temos aqui, hoje, contamos com a importante presença do secretário da saúde de Porto Alegre, é o secretário de saúde da capital do Rio Grande do Sul, eu sempre registro a importância desse fato, do secretário ser da capital do Rio Grande do Sul, Fernando Ritter, para apresentar um panorama geral da odontologia em Porto Alegre. Com a palavra, o nosso secretário.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Só um pouquinho, vamos passar para os vereadores primeiro. Corrigindo, eu falei que a matéria era de 2002, mas a matéria é de 2022, é que eu estava sem óculos. Eu queria chamar para compor a mesa conosco a Dra. Mônica Hermann, coordenadora da saúde bucal da

Atenção Primária, e, para equilibrar um pouquinho, nesse lado aqui, a Dra. Isadora, representando a Procuradoria-Geral. A Ver.^a Cláudia Araújo está com a palavra.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Bom dia a todos, bom dia Presidente, colegas vereadores da COSMAM, secretário; na verdade, só dar as boas-vindas, dizer que é um tema extremamente importante, até porque a nossa população, a grande maioria das comunidades tem pessoas com muitos problemas, uma população, infelizmente, desdentada. A gente sabe que o sorriso, que a boca, além da saúde, como diz a Ver.^a Mônica, ainda tem a questão estética; para conseguir um emprego, conseguir tantas coisas importantes, a gente precisa ter um bom sorriso, pelo menos o básico necessário. Então é muito importante esse diálogo, que a gente possa trazer. A gente sabe que tem faculdades que fazem um belo trabalho de assistência, como a PUC faz no prédio 6, mas ainda assim é pouco, nós precisamos fomentar cada vez mais esse tipo de trabalho. Então eu acho que é importante agora nós realmente ouvirmos o secretário e vermos o que está sendo implementado enquanto Município, o que pode ser feito para os próximos anos, para que a gente possa melhorar as condições. A gente sabe que os postos de saúde da Atenção Primária têm muitas dificuldades, principalmente de espaço para compor com as equipes, para gente ter mais equipes. Tem alguns postos que a gente está discutindo também com relação a isso – faz mezanino, não faz mezanino; coloca uma sala, não coloca uma sala – , mas a gente sabe dessa importância e vamos seguir lutando. Eu quero ouvir o secretário e depois eu faço um parecer final. Obrigada.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, vereadora. A Ver.^a Lourdes Sprenger está com a palavra.

VEREADORA LOURDES SPRENGER (MDB): Bom dia, presidente, demais vereadores, público aqui presente e nosso secretário Ritter, há quantos anos a gente se conhece. Eu só tenho uma pergunta para fazer, que é sobre o postão

IAPI, e eu digo postão porque já morei lá perto. Lá tem um andar de consultórios de Primeiro Mundo. Eu estive lá na pandemia, cansei de caminhar lá dentro, e eu observei que tinha vários nomes de médicos dentistas, mas só tinha um atendendo. Daí disseram: “Não, esse está de plantão, aquele não está.” Não retornei mais. Então eu tenho esta curiosidade, considerando as dificuldades de se atender à população nessa área: como está a situação de lá, com tantos consultórios, e eu vou dizer, muitos estavam até com plástico ainda, fantástico. Obrigada.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): O Ver. Aldacir Oliboni está com a palavra.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Também quero saudar aqui o nosso presidente da comissão, José Freitas; Ver.^a Mônica, Ver.^a Cláudia, Ver.^a Lourdes, saudando aqui a vinda do secretário de saúde, Fernando Ritter, bem-vindo; Dra. Mônica, coordenadora do programa de odontologia, Dra. Isadora e cidadãos que estão aqui presentes. Eu tenho uma certa curiosidade, Dr. Fernando Ritter, pelo seguinte, a gente sabe que a maior parte das equipes estão localizadas na Atenção Básica, sendo que na Atenção Básica tem uma cobertura de 86%, se eu não me engano, foi dito isso aqui. Poderia dizer para nós, na sua fala, quantas equipes nós temos e se todas unidades têm cobertura. Na medida em que 14% da população não tem cobertura – em tese, porque tem 86% –, esses demais teriam cobertura onde? Onde essas pessoas, essas comunidades teriam acesso ao atendimento odontológico? Nós sabemos que tem também no Hospital Conceição, no Hospital de Clínicas, com uma certa dificuldade, e tem uma demanda enorme, mas eles atendem, inclusive, o interior do Estado. Eu estava fazendo um estudo com a minha equipe, no gabinete, e eles me informaram – inclusive fizemos um PP para Prefeitura sobre o atendimento da UFRGS, que até então foi extinguido o convênio –, que tinha um atendimento muito referenciado na UFRGS, e o governo municipal simplesmente cancelou o convênio. Não sei se tu tens essa informação, por que encerrou programa e tal. Porque eu acho que quanto mais parceiros, na ideia de reduzir a fila, foi trazido

isso pela Ver.^a Mônica, uma pauta muito importante, poderia ser revisto. Eu não sei se o governo federal ainda lançou o programa Brasil Sorridente, se o Município já aderiu, o que poderia, enfim, capitanear nesse sentido para reduzir a fila e melhorar o atendimento na cidade. Muito obrigado.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, vereador. O secretário Fernando Ritter está com a palavra.

SR. FERNANDO RITTER: Bom dia, Ver. Freitas, em teu nome eu queria cumprimentar a todos e obviamente a proponente, Ver.^a Mônica. Eu queria dizer para vocês que falar sobre esse tema, eu me sinto muito à vontade, estou em casa. Eu queria cumprimentar aqui a Mônica, a Isadora, cumprimentar também a todos que estão aqui acompanhando. Eu vou fazer um relato histórico primeiro, do Município de Porto Alegre. Sou dentista, formado pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tenho mestrado em epidemiologia; no dia 24 de março deste ano concluí meu doutorado em saúde bucal coletiva, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – então, acompanho esse processo. Hoje sou secretário por causa da saúde bucal, porque eu fui o sétimo dentista da Estratégia Saúde da Família em Porto Alegre; em 02 de abril de 2008, entrei no Município de Porto Alegre, fui atender na unidade de saúde Alto Erechim – cheguei lá, eu era o sétimo dentista da Estratégia Saúde da Família; quando a gente chegou lá não tinha consultório. Eu lembro muito bem que cheguei ali, comecei... Lembro que dia 11 inauguraríamos a unidade, e ainda não estava instalada a cadeira; aí comecei a ligar para todo mundo; não sei por que fui parar, no telefone, com o secretário da época, Eliseu Santos; depois de me passarem para vários, caiu no secretário. Aí eu disse: secretário, o senhor quer inaugurar aqui, mas a gente não tem nada instalado aqui, inclusive a cadeira está numa caixa. A resposta dele foi se foi o seguinte: “Eu não quero saber se o pato é macho, eu quero é ou ovo, te vira.” Pimba, acabou a ligação ali; dia 11 a gente inaugurou. Eu mexi o mundo, Ver.^a Cláudia, e a gente inaugurou aquela unidade de saúde. Fiquei cinco anos trabalhando na unidade de saúde, representando a

categoria da odontologia, o conselho de odontologia e sindicato, fui o representante nomeado no Conselho Municipal de Saúde – eu tinha uma política, sempre acreditei que a gente poderia provocar as mudanças internamente; acho que externamente ele tem um papel, mas internamente ele tem um papel mais importante. Em todas as reuniões do Conselho Municipal de Saúde pedia o direito de fala de 3 minutos e dizia: a saúde bucal é isso, e minha sugestão é essa. Tem uma reportagem que eu uso com os meus alunos, porque também sou professor do curso de odontologia da PUC do Rio Grande do Sul, na disciplina de saúde coletiva, na qual acompanho os alunos... Chegou a Andrea, decana dos cursos da área da saúde, e o Dr. João, coordenador do curso de odontologia. Estava contando aqui sobre a história da odontologia – sinto-me muito à vontade pra falar, porque eu fui o sétimo dentista da Estratégia Saúde da Família; naquela época, levei uma reportagem do Diário Gaúcho de Porto Alegre que falava sobre a distribuição de ficha de atendimento odontológico no Município de Porto Alegre numa unidade de saúde lá da Zona Sul, na Tristeza, unidade de saúde da Tristeza; era o seguinte, Ver.^a Lourdes: chegava lá... O dentista tem uma capacidade, consegue atender a cada 20 ou 30 minutos, dependendo do procedimento, então a gente trabalha no mínimo 20 minutos, podendo ser 40 minutos, podendo ser 1 hora. Então, naquele dia, se dividir as horas do profissional, eu tenho 12 atendimentos que eu posso fazer, ou oito ou seis, não importa, não me lembro quanto era. Aí, ele chegava lá, botava o nome das pessoas, sorteava 12 atendimentos. Isso era em 2008, e não era muito diferente. Eu fui residente no Campo da Tuca, trabalhei no Morro da Cruz, trabalhei lá no lá no Morro da Cruz – a equipe sete, e trabalhei na equipe cinco, que é na Unidade de Saúde Ceres. Nós passamos, em 2003, nove meses sem anestésico, sem nenhum anestésico, zero anestésico, e aquilo ali mexia muito comigo. Eu disse: não, vou ter que mudar isso! Naquela época o secretário Casartelli me ouviu durante um ano; aí ele me chamou e disse o seguinte: “Eu te ouço todas as semanas, queria te fazer uma proposta, quem sabe tu assumes a coordenação de saúde bucal para provocar mudança?” Eu disse: beleza, eu assumo, mas em 30 dias vou te fazer uma proposta, uma proposta de melhoria,

proposta coerente, factível. Se tu aceitares, eu fico; se tu não aceitares, eu volto para unidade de saúde, e estamos fechados, tá? Trinta dias depois fiz uma proposta, eu queria 25 novos consultórios em um ano, que custa tanto, tanto vem do governo federal, tanto vem do governo estadual! Cheguei na Secretaria de Saúde, tinha 387 processos parados de compra, 387 processos; a gente fez registro de marca, a gente fez todos processos, e a partir daí vocês vão ver onde que nós paramos com a saúde bucal. Naquele ano a gente não fez 25, a gente fez 32; e aí, teve aquela passagem primeira, na coordenação saúde bucal, passei para coordenação da Atenção Primária, tive a oportunidade de ter sido secretário até 2016, quando entregamos, naquele momento da gestão, 165 equipes de saúde bucal. Então, vou projetar, vou pedir que vocês deem uma olhada, vou mostrar a partir disso. Porto Alegre, então, 1,3 milhão de habitantes, 182 mil cadastrados, cidadãos, menores de 18 anos; enfim, 27% das pessoas em Porto Alegre, desses, 1,3 milhão estão em vulnerabilidade em saúde, com elevado risco; 41% possuem plano de saúde, dados do Ministério da Saúde, mas que tenham plano odontológico é menos de 5%; 86% da cobertura de Atenção Primária, em cima da população cadastrada. Se a gente levar em consideração a população cadastrada, que está lá no e-SUS, no sistema, nós chegamos a 69% de equipe de saúde bucal, mas da população total é 60,63%. Eu me lembro, imaginem, eu fui o oitavo, então a gente deu um salto para 60,63% da população coberta. Nós temos 323 equipes de Saúde da Família espalhadas, 66 equipes de Atenção Primária, 202 equipes de saúde bucal, 5 equipes de Consultório na Rua, 4 serviços de atendimentos especializados e 10 farmácias distritais. Esse é o tamanho da rede do Município de Porto Alegre, além dos 17 hospitais que são contratualizados ao Município.

Só pra vocês entenderem a parceirização, nós temos cinco unidades próprias. Nós temos contratualizadas com o Hospital Vila Nova 29 unidades; nós temos 38 unidades com o Hospital Divina Providência; 29 com a Santa Casa; 20 com o IB; além das cooperações, que a gente tem 12 com o Grupo Hospitalar Conceição, 1 com o Hospital de Clínicas e 1 com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Então a saúde bucal, dentro da Atenção Primária em saúde, fica dentro do eixo assistência. A Atenção Primária é muito mais do que isso. Tem o eixo executivo, que são as coordenadorias, as quatro – norte, sul, leste e oeste; tem o eixo de apoio e política, que contempla saúde mental, assistência farmacêutica, doenças sexualmente transmissíveis e infecto, coordenação das políticas de saúde. E a coordenação de Saúde Bucal está no eixo assistência.

Lembrando que a gente tem, então, nessas quatro regiões, as parceirizadas. As cinco unidades próprias são: Modelo, IAPI, Bananeiras, Belém Novo e Camaquã. Este mapa aqui mostra exatamente como é que estão distribuídas as equipes de Saúde Bucal do Município. São 107 unidades com equipes de Saúde Bucal; e 22 têm raios X. E, na minha época, nós tínhamos quatro raios X. Na época em que eu assumi a coordenação de Saúde Bucal, tinha quatro raios X. E nós estamos muito longe do que queremos; hoje a meta é a gente fazer, ampliar o raios X. E aí eu vou pedir, inclusive... Tem uma tecnologia nova que a gente está brigando com a Anvisa para aprovar, João, que é o raios X portátil, é uma máquina fotográfica. Facilitaria a vida imensamente, eu poderia atender paciente acamado em casa e tirar o raio X. Já pensou isso, vereador?

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): O senhor me dá um aparte?

SR. FERNANDO RITTER: Claro, por favor.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Eu destinei uma emenda para o postão da saúde, e lá já estão usando esse aparelho.

SR. FERNANDO RITTER: Nós compramos raios X fixo, ainda não é esse, não é esse – bem que eu gostaria.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Qual é o nome dele?

SR. FERNANDO RITTER: É o raio X digital.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Película digital.

SR. FERNANDO RITTER: Exato. Agora nós só vamos comprar digital. Ele tem o fixo, que tu botas na parede, e tem o móvel, que parece uma máquina fotográfica, que a Anvisa resolveu...

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Não é a película então?

SR. FERNANDO RITTER: A película vai surgir depois.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Mas é bom também, não é?

SR. FERNANDO RITTER: É excelente. Os dois precisam de película, é só o equipamento, os dois fazem com raios X digital. Eu não vejo a hora de a gente conseguir passar essa barreira, porque tem que botar tripé móvel... Ele custa R\$ 5 mil. E outra, a gente não precisa instalar nada, não precisa. Não está aprovado pela Anvisa ainda que tu tenhas móvel assim, sabem? Mas em todos os países do mundo tem. Nós ainda não temos, então a gente tem que avançar esse processo, isso tem que ser discutido. Eles aprovam se a gente botar em um tripé, se a gente tiver um disparador, entenderam? Mas é seguro. Então tem uma discussão técnica em que a gente precisa avançar. O meu sonho era todas unidades terem. E o móvel, vereadora, com aquele projeto que a senhora destinou o recurso financeiro de visita domiciliar, talvez pudesse... Imaginem, o paciente acamado, eu poderia tirar uma foto, um raio X, já na hora fazer o diagnóstico.

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: É um problema. Nós vamos resolver, vamos resolver. É dúvida; tudo o que é tecnologia nova as pessoas têm dúvida, é uma

dificuldade, o Brasil ainda anda na idade da pedra, às vezes, para a introdução de tecnologias, mas vamos superar isso.

Passando isso, então, tem 27 unidades prédios sem equipes de Saúde Bucal. Respondendo a tua pergunta, Oliboni, não existe população descoberta de saúde bucal, todas elas são atendidas em algum lugar, todas elas são atendidas em algum lugar; mesmo aquelas Unidades de Saúde que não têm equipe de Saúde Bucal têm uma Unidade de Saúde referência.

Se a gente olhar aqui, são 134 Unidades de Saúde, 107 com Saúde Bucal, 212 equipes de Saúde Bucal, sendo 13 clínicas de Saúde da Família. E aqui tem um panorama de como é que isso está distribuído – Zona Leste, Zona Norte, Zona Sul, Zona Oeste. Então são 35 unidades com equipes de Saúde Bucal na Leste; 29 na Norte; 27 na Sul 27; 16 na Oeste. E aqui como é que isso está dividido, e dentro das clínicas de Saúde da Família, que são as nossas maiores Unidades de Saúde. Eu não vou me deter, em números gerais é isso.

Aqui, com relação às unidades sem equipes de Saúde Bucal. Então a Unidade de Saúde Laranjeiras, que tem o vínculo com o Divina, na Zona Leste, a Unidade de Saúde de referência – aqui respondo um pouco a tua pergunta, Ver. Oliboni, onde é a referência –, onde o pessoal é atendido, é no Morro Santana. A Unidade de Saúde Tijuca é atendida, a unidade de referência é no Morro Santana. É óbvio que isso vai sobrecarregar, é óbvio que vai sobrecarregar. No Morro Santana, são três equipes de Saúde Bucal. SESC, então, recebe a referência da Vila Brasília, e assim sucessivamente.

Tem algumas boas notícias. Então a Unidade de Saúde Batista Flores, Unidade de Saúde em obras para ampliação e implantação da equipe de Saúde Bucal. Nós vamos botar equipe de Saúde Bucal, assim como na Unidade de Saúde Jardim Protásio Alves, em obra para ampliação da equipe de Saúde Bucal. Algumas não têm, realmente, espaço físico. Todas aquelas que tiverem espaço físico, nós vamos ampliar e vamos botar Unidades de Saúde, é nosso compromisso. Uma vez, a gente deu um salto; agora, nós vamos dar outro salto de ampliação. Aqui, mais umas. Então a US Beco dos Coqueiros não tem, a referência é a Domênico Feoli, com planejamento de obra de ampliação, nós

vamos ampliar, e as demais unidades de saúde. Então aqui tem exatamente quem é referência, todas têm referência. É óbvio que isso gera um transtorno, as pessoas não estão vinculadas àquela unidade de saúde, elas têm que dividir com as outras pessoas. Nós vamos ampliar esse processo. Aqui segue de novo as unidades, tem as mais de 20 unidades de saúde. Então algumas não têm espaço físico, algumas têm, então algumas eu vou conseguir resolver, outras eu não vou conseguir resolver, outras eu não vou conseguir resolver. Aqui mostra a cobertura por região. Eu queria só fazer um detalhe: aqui embaixo, 1.332.570 mil é a população de Porto Alegre, os dados do IBGE, no último censo. Eu não tenho ainda estratificado pela população, por região, não tenho isso, ainda não foi disponibilizado, então eu estou usando na parte de cima os dados do IBGE de 2010 e embaixo os dados do IBGE. Então hoje eu tenho 60,63% cobertura da população. Nós não precisamos ter 100% de cobertura para todas as pessoas porque muitas pessoas não acessam o SUS para assistência. Tem bairros de Porto Alegre que não acessam. Se eu pensar em pessoas que estão cadastradas na unidade de saúde, é 69%, então nós temos um processo aí de evolução de unidade de saúde que a gente evoluiu bastante, mas ainda precisamos evoluir mais. Então aqui está o número de profissionais, as horas, as equipes de saúde bucal, a população do IBGE. Esse é o óbvio que vai ficar com vocês para vocês olharem com detalhes. A gente pode abrir isso por unidade, sem problema nenhum. Aqui alguns exemplos de unidades Tristeza, Navegantes, Santa Marta, Belém Novo, 1º de Maio, Morro Santana, Diretor Pestana, Modelo, enfim... Essas são as que atendem até as 22 horas. Importante destacar aqui: nós colocamos o Saúde na Hora noite e dia para atendimento odontológico. Eu não conheço nenhum município, nem canoas aqui do lado que é o segundo maior polo de saúde do estado do Rio Grande do Sul, que tenha o que Porto Alegre tem, Ver.^a Mônica, serviço 24 horas de atendimento em saúde bucal, que fica no Postão da Cruzeiro, 24 horas, e na Zona Norte, na UPA Moacyr Scliar, são 24 horas. São esses dois serviços 24 horas, que dá conta. Ah, mas eu queria mais perto. Sim, mas pelo volume de atendimento, dá conta, porque a 24 horas não é para atender o tempo todo. Todas as unidades atendem urgência,

todas atendem de urgência. Aqui, só pra mostrar em números, a população cadastrada, então a gente evoluiu no processo de cadastramento, e aqui eu queria destacar: só existe cadastramento principalmente pelo papel do agente comunitário de saúde. O agente comunitário de saúde, eu sou um defensor, o Ver. Oliboni sabe, todos nós, a Ver.^a Cláudia também faz uma luta ferrenha a favor dos agentes de combate a endemias, todos sabem da importância. Quero aqui dizer que nós precisamos ampliar o papel do agente comunitário de saúde, fazer a capacitação, eles poderem fazer verificação de pressão, fazer usar oxímetro. Eles acabaram de fazer um curso oferecido para eles para melhorar e ser mais resolutivo, porque nós temos que parar de fazer uma saúde reativa, nós temos que tratar uma saúde propositiva. Se a gente não for trabalhar na promoção e prevenção na casa das pessoas, nós vamos pagar caro, mais caro, para a sequela do problema. Mais caro. Quero dizer que nós monitoramos tudo isso. Porto Alegre tem a carteira de serviços, a carteira de serviços monitora questões de vigilância, promoção de saúde, saúde da mulher, saúde da população idosa, adulto, criança, cuidados comuns a todos os ciclos de vida, promoção em saúde bucal e procedimentos clínicos em saúde bucal. Isso está dentro das obrigações das unidades de saúde. Aqui eu queria destacar as ofertas monitoradas, alguns indicadores que a gente monitora e cobra tanto das equipes que são gerenciadas por nós, por servidores públicos, quanto das parceirizadas: metas para primeira consulta odontológica; restauração de dente decido, que é o dente de leite; exodontia permanente, que a gente quer reduzir, a gente não está cobrando fazer mais, pelo contrário, fazer menos; acesso à polpa, porque a gente quer que tenha menos acesso à polpa, que vai gerar o tratamento de canal, porque se a gente tiver menos é porque a gente está fazendo prevenção, a gente está fazendo acesso antes de ter uma inflamação na polpa, o que gera um tratamento de canal ou uma perda de dente; rasub, que é a raspagem subgengival, que faz o tratamento da gengiva; capeamento pulpar, que é uma técnica menos invasiva em que a gente reduz a chance de um tratamento de canal. Aqui a gente mostra as filas de espera. Então tem uma evolução aqui. Aquela fila daquele momento lá de 2022. Nós tínhamos, em

janeiro de 2023, 8.206 pessoas com endodontia, iniciando tratamento de canal, hoje são 5.014. A média de custo por sessão, por tratamento, custa hoje R\$ 600,00, se a gente olhar a hora do profissional, tudo. Periodontia, tratamento de gengiva, nós tínhamos 1.736 pessoas em janeiro, hoje são 934 pessoas, e o custo de um tratamento médio de tratamento de gengiva, R\$ 300,00. A odontologia têm uma especialidade que é uma das minhas paixões, que é pessoas com necessidade especial, pacientes com necessidades especiais. Eu sei que a nomenclatura pode ser diferente, mas dentro da nossa classe odontológica o dentista é especialista em paciente com necessidade especial. Então, em janeiro tínhamos 13, em junho tínhamos 68 e hoje tem 87 porque nós ampliamos a oferta, nós estimulamos que procure o centro de especialidades. Inclusive chegava a ter agendas ociosas, e nós estimulamos. Paciente com necessidades especiais tem que ser atendido, e tem que ser atendido pela unidade básica de saúde, tem que ser atendido na escola, e a gente tem um trabalho bacana aqui, que a gente faz nas unidades: a gente trabalha com a PUC de atender na escola, de fazer procedimento na escola e fazer atendimento na casa das pessoas. É isso que nós estamos ensinando para os nossos alunos lá na PUC.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Mas isso é o básico. E o atendimento para aquelas crianças que precisam de sedação?

SR. FERNANDO RITTER: O básico precisa ser lembrado.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): A grande dificuldade, secretário, é a questão da sedação, porque nós temos hoje cada vez mais autistas em grau alto.

SR. FERNANDO RITTER: Se eu te disser que toda a sedação que eu utilizei, foi com sedação à base de medicamento no consultório odontológico. Eu nunca precisei encaminhar um paciente; paciente com necessidade especial, zero,

zero. Porque nós temos que ensinar os nossos alunos a usar farmacologia. As pessoas têm que saber usar e controlar; paciente com necessidade especial, na sua imensa maioria não precisa fazer sedação, e quando precisa, nós temos que nos sentir seguros de fazer e usar o medicamento simples. A gente não usa um comprimido que a gente dá 30 minutos antes. E o João sabe que lá na clínica de pediatria, tem lá na PUC um grande exemplo de atendimento de paciente com necessidade especial. A imensa maioria são pediatras que atendem, e eles usam sedação com medicamento; quando a gente fala em sedação, a gente pensa em usar uma máscara, não, é simples. E nós, lá na PUC, nós estamos ensinando isso para os alunos, de fazer isso com tranquilidade e segurança, tem que transmitir segurança. Concordo contigo, e essa é uma das metas; PNE nós vamos melhorar.

Estomatologia que são lesões da boca, que é câncer, nós temos hoje 217 pessoas; que nem sempre tudo vai virar câncer, a imensa maioria não vira; são lesões, alterações no tecido mole, hoje nós temos 217, isso em 60 dias, praticamente a gente roda. Nós vamos reduzir, e aí eu vou dizer por que que nós vamos reduzir, e aqui tem um dos que vai ser um grande parceiro para fazer isso.

Prótese dentária, um grande problema; grande problema. Nós tínhamos 1.925, hoje nós temos 440 por quê? Porque nós fizemos um contrato com o Sesc, além do CEO que tem prótese, que é do Grupo Hospitalar Conceição, nós agora contratamos o Sesc para fazer isso. Nós pagamos R\$ 800 por prótese total. João, quanto custa lá uma prótese total, mais ou menos, na PUC? Tem ideia? É isso aí, né? Mais ou menos isso, exato; e a removível que é aquela com grampos R\$ 900, mas é prótese removível mesmo, não é com aramezinho.

Odontopediatria, também colocamos a Odontopediatria; o João é o odontopediatra, há 30 anos, professor da PUC, como professor da odontopediatria, fez agora, semana passada, 30 anos de casa, dia 02. Trezentos reais, mais ou menos, o custo disso.

Aqui eu queria mostrar para vocês os nossos CEOs, os Centros de Especialidades Odontológicas que estão dentro do Programa Brasil Sorridente,

que é uma política de estado. IAPI, o que cada um faz; Santa Marta; Bom Jesus; Grupo Hospitalar Conceição, da Glória, Cruzeiro, Cristal, que fica ali no posto da Cruzeiro, GCC, e o da UFRGS, são esses seis que a gente tem. Temos uma parceria com a ABO que acaba atendendo também cirurgia bucomaxilofacial – CBMF é a cirurgia bucomaxilofacial –, e o Sesc que faz prótese; e quais são as referências, enfim. Qual é a área de abrangência. Aqui a atenção hospitalar, porque odontologia também é hospitalar, e eu tive o ano passado a oportunidade de ficar um período no Hospital de Pronto Socorro de Porto Alegre, onde a gente atendeu um paciente no leito. E a gente reduz, Ver. Oliboni, o tempo de internação do paciente; paciente acamado, criança, adulto, tem que higienizar a boca porque ele pode ter uma infecção e fica mais tempo. O custo de um medicamento, de alto custo, chega a ser R\$ 30 mil para um paciente com uma infecção, se a gente não fizer o tratamento na saúde bucal – tem que escovar os dentes, isso é premissa básica da odontologia, é escovar os dentes – premissa básica da odontologia não é botar implante; implante é o fracasso da odontologia, porque a pessoa perdeu o dente. Entendeu? A gente não tem que comemorar ter implante – tem que ter para quem perdeu –, mas a gente tem que comemorar aquele que a gente deixou, e só existe uma maneira de a gente deixar de perder dente: escovando, educando, estando a odontologia perto das pessoas, nas escolas com as nossas crianças, é só assim que a gente vai fazer, é a premissa básica. E eu falo, e a gente fala para os alunos ali da PUC, e da UFRGS, sei que não é diferente, eu sei que na UniRitter também não é diferente – que são as faculdades de odontologia que tem aqui no Município de Porto Alegre –, que vocês não podem cansar de escovar os dentes. A população, e eu trago sempre um exemplo que lá na Unidade Básica de Saúde 5, na Av. Ceres, Partenon, que fica ali atrás do Carrefour, eu atendi ali por dois anos, e eu ensinava uma família a escovar os dentes, na frente do espelho, que é a premissa básica que a gente aprende é a escovar o dente, vai na frente do espelho, que tu enxergas o que está fazendo. Escovavam e voltavam na outra semana, Ver.^a Mônica, parecia que eu não tinha ensinado nada; aí foi uma segunda, foi uma terceira, foi uma quarta semana, uma quinta semana, eu disse: mas não é possível, gente, será

que eu estou ensinando errado? Eu vou lá na casa deles. Fui lá na casa deles, fica ali naquele bequinho, na Av. Ceres, aquela ocupação, fui lá na casa e descobri por que que eles não escovavam os dentes, porque eu estava na frente do espelho, eles não tinham espelho, então eles não escovavam. É o básico que precisa ser dito. Então eu sentei eles na cadeira e escovei sem eles se olharem no espelho, e deu. É que nem o paciente com necessidade especial quando atendi lá na escola – aliás, sugiro, vereadores, quem não conhece a Escola Prof.^a Lygia Morrone Averbuck que fica ali, próximo à PUC, que é da área de abrangência da Mato Sampaio – Unidade de Saúde Mato Sampaio – o trabalho que aquela escola faz, aqueles professores são fantásticos. Nós oferecemos o serviço da odontologia da PUC, lá, e fiquei um ano tentando atender uma menina com necessidade especial, Ver.^a Cláudia, não consegui, até o dia que eu pensei: vou atender a mãe, na frente dela; atendi a mãe, mudou, ela viu eu fazer o procedimento na mãe, e ela deixou eu fazer, passou. E a gente vai entender isso só depois, por que eu não me dei conta disso? São coisas básicas, enfim. Nós temos então o serviço de traumatologia dentro do hospital, e se tem uma coisa que a gente precisa botar é odontologia dentro dos hospitais, essa talvez seja uma das metas. A odontologia hospitalar é fundamental para reduzir o tempo de internação em leito de UTI. Escovar os dentes, eu, recentemente, estive acompanhando minha mãe no hospital, e vi que, no hospital, que as pessoas não escovavam os dentes dela; a pessoa está lá debilitada e não escova, gente. A pessoa com problema cardíaco, pós-infarto; passa 10 dias sem escovar os dentes, cria bactérias super-resistentes, e vai ficar mais tempo. Então, vamos na luta da odontologia hospitalar.

Aqui só alguns exemplos dos serviços de radiologia que a gente tem, onde que a gente tem. A gente precisa ampliar os exames de raios X panorâmico, que é um exame de raios X maior, enfim. Tem alguns custos aqui que não vou me detalhar.

Projeto Maio Vermelho. O mês de maio é a prevenção ao câncer bucal e combate ao tabagismo. Então, isso aí é um projeto de lei criado nesta Casa aqui pelo Ver. Mário Manfro, dentista, que criou o Maio Vermelho aqui nesta Casa, que virou

um belo programa, que envolve as entidades de classe da odontologia. A gente tem que combater o câncer, porque é o seguinte: o câncer pode ser prevenido se diagnosticado precocemente.

Aqui a Semana de Saúde Bucal, que destaca a importância de qualificação do cuidado. Então, nós teremos também, em 2023, a Semana Estadual e a Semana Municipal de Saúde Bucal. Algumas atividades que visam à educação permanente dos profissionais.

A ampliação da oferta de prótese dentários deve reduzir a fila de espera. Então, foi feito isso em 2022, então nós vamos reduzir. Então, amplia a oferta e contratação do serviço que oferece reabilitação de prótese total e prótese parcial. Qualificação dos encaminhamentos de prótese e atualização do protocolo de saúde bucal, que também foi feito.

A implantação de novas tecnologia, raios X digital, que é este, vereador, que contribuiu. E muda, muda completamente, no prontuário, tu enxergas, não tens que ficar com negocinho, se ele esqueceu, perdeu, está lá dentro do prontuário. Atendimentos odontológicos na Atenção Primária. Então, em 2022, foram 487 mil; até agosto deste ano, 319 mil. A oferta de 12 mil primeiras consultas no centro de especialidades; mais 8 mil primeiras consultas no CEO até agosto de 2023.

O que queremos para o futuro da saúde bucal? Ampliar a cobertura de saúde bucal; qualificar as estruturas físicas das unidades e dos CEOs; implantar raios X digital em todas as unidades de saúde, seja ele com raios X normal, ou com esse portátil, que é meu sonho; ampliar a oferta de consultas especializadas; implantar o CEO da PUC, que está em processo de implantação. Nós teremos mais um Centro de Especialidade Odontológica. E a Andrea me deu uma boa notícia que eles estão pensando até num CEO tipo II, um CEO tipo II para ampliar a oferta de serviços. A UniRitter também se colocou à disposição para botar um centro de especialidade. E aí, gente, com esses dois Centros de Especialidades Odontológicas, nós vamos reduzir em muito a fila de espera. Eu disse para a... (Ininteligível.): “Vamos inaugurar esse negócio logo – vamos inaugurar esse negócio logo!” Realizar o concurso para auxiliar de saúde bucal, que está em

fase de contratação da banca, que hoje venceu, então, nós estamos ampliando, porque o profissional auxiliar, técnico de saúde bucal, é fundamental, ele faz toda a diferença, nós conseguimos atender mais rápido. Vocês imaginem o seguinte, e eu me lembro muito bem que, lá em 2012, que eu estava... (Ininteligível.) ...de saúde bucal e eu discutindo... e nós tínhamos quatro – quatro auxiliares de saúde bucal –, quatro no Município. E eu cheguei para a pessoa que cuidava do dinheiro, e ele me disse: “Por que o dentista precisa de um auxiliar se o médico não precisa?” Eu disse: “Tu te enganas, tu estás fazendo a comparação errada. O médico da Atenção Primária não precisa de um auxiliar ali dentro da sala dele, mas ele tem os auxiliares e técnicos em saúde que ajudam muito, verificam pressão, fazem busca ativa; tem o agente comunitário de saúde, tem todos esses profissionais. E ele não faz procedimento cirúrgico. Tu não imaginas um bloco cirúrgico sem um instrumentador, porque tu não conseguirias trabalhar desse jeito, tu quebrarias a cadeia cética, tu demorarias mais tempo, porque tu tens que limpar, tu tens que montar a mesa, dá complicação, tu tens que afastar. Às vezes, tu estás fazendo um procedimento cirúrgico, dá uma comunicação com o seio maxilar, tu tens que abrir e fazer retalho. Entendeu? É cirurgia. Então, por isso”. Aí mostrei para eles quanto que isso reduziria, e, felizmente, foi decidido por ampliar o número de profissionais, e hoje todas as nossas unidades têm auxiliar ou técnico de saúde bucal. Qualificar a estrutura física. Como eu falei, então, implantar esse CEO e realizar esse concurso.

Bom, quero dizer, para finalizar, que nós ainda não estamos onde a gente quer, mas a gente tem muito ainda para crescer. Fundamentalmente, ampliar as coberturas, essa parceria com as universidades é fundamental. Formar profissionais voltados para Estratégia de Saúde da Família, voltados para o Centro de Especialidade, para os hospitais. Ele tem uma importância, gente, que é impossível de a gente imaginar hoje sem tudo isso.

Nós estamos passando esse momento, Ver.^a Mônica, para o levantamento epidemiológico de saúde bucal, estamos fazendo um levantamento de como está o perfil da população em Porto Alegre, que já deveríamos ter concluído. Ontem, inclusive, a coordenadora nacional de saúde bucal me ligou, mas não

para isso, para dizer que a nossa mudança com relação ao levantamento epidemiológico já está repercutindo positivamente em Brasília. Então, ela vai dar mais uma esticadinha para a gente poder fazer as coisas, mas ela quer, e sabe, eu tive a oportunidade de escrever um livro com ela inclusive há uns oito anos, e ela disse: “Vocês são uma das capitais que mais tem centro de especialidade. E eu fiquei sabendo por uma professora que vocês querem botar mais dois.” Então, estou tentando ver se ela vem inaugurar. Ela vem dia 11 de novembro para cá, a princípio, para lançar um grande programa do combate ao câncer de boca. Porto Alegre foi escolhido para representar a Região Sul. Nem deu tempo para falar isso contigo porque isso foi ontem de noite, indo para o OP. Nós seremos a capital da Região Sul que vai representar, serão cinco capitais onde serão lançados simultaneamente. Então estou cantando o canto da sereia para que seja feito aqui em Porto Alegre o lançamento. É para ser na Paraíba, nós vamos tentar puxar para Porto Alegre porque é importante isso. Quero dizer que a formação dos profissionais, a importância da PUC ou das outras universidades fazem toda a diferença e nós temos que melhorar, Ver.^a Cláudia, a formação dos profissionais. Nós temos que formar para que o mercado consome. Nós temos hoje a odontologia estética indo muito bem, é importante, a cirurgia, a endodontia, a pediatria, a periodontia, a radiologia, mas também nós temos a odontologia voltada para a saúde da família. Eu sou especialista em saúde bucal coletiva e eu sei da importância de quanto isso é fundamental. Nós vamos crescer, nós vamos ampliar e nós vamos fazer essas parcerias com as universidades para a gente poder continuar a qualificação dos nossos profissionais. Recentemente nós também fizemos uma parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, uma capacitação que teve a participação de 250 dentistas no lançamento de um livro que fala sobre farmacologia, porque a gente entende que precisa estar sempre lembrando, dentro desse processo. Fico à disposição, espero que tenha contemplado. Eu falo isso com alegria, porque ser o sétimo dentista e ter 202 e a gente querer ter 250, nós ainda queremos mais, nós queremos botar a odontologia dentro das UTIs, dentro dos hospitais. A quer gente expandir o cuidado do paciente no caso

especial, todos têm que atender paciente no hospital especial, todos. Os dentistas têm que entender de fazer atendimento na cama das pessoas, e, indo na casa das pessoas, a gente conhece a realidade delas. É isso que nós queremos fazer. Para isso a gente só precisa de tempo, é óbvio que um direcionamento de recursos e parcerias. É disso que a gente precisa, parcerias do bem, que querem evoluir para a saúde bucal. Obrigado, vereador.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, secretário, obrigado e parabéns pela rica apresentação. Antes de passar para os demais da mesa aqui e convidados, se alguém quiser se inscrever, da plateia, o Luiz está à disposição. A Sra. Andréa está com a palavra.

SRA. ANDREA GONÇALVES BANDEIRA: Bom dia a todos e a todas, eu sou Andrea Bandeira, sou decana da Escola de Ciências da Saúde e da Vida, da PUC, do Rio Grande do Sul, escola essa onde o curso de odontologia está inserido, um curso que muito nos orgulha, que completou, neste ano, 70 anos. No ano em que a Universidade completa 75 anos, o curso de odontologia completou 70 anos. Um curso longevo e que tem uma contribuição importante para formação de cirurgiões dentistas não só aqui em Porto Alegre, mas no Estado e também no Brasil. A gente tem muitos egressos que já estão fora do país também contribuindo com a formação de profissionais no exterior. Está aqui comigo o professor João, que é coordenador do curso, e temos a honra de ter, como nosso docente também, o secretário, que é um lutador de toda essa qualificação da atenção à saúde de uma forma geral, não só da saúde bucal. A gente fala muito sobre as questões de saúde bucal, sobre os desafios, já avançamos muito, mas a gente ainda tem uma caminhada, a Mônica também, nossa parceira. Acho que, enquanto PUC, vou fazer uma fala mais ampla, acho que as diretrizes curriculares da área da saúde, de uma forma geral, para todas as universidades, elas trazem de forma muito importante a centralidade do Sistema Único de Saúde, na formação. E nós temos esse papel de formar profissionais que respondam às demandas da sociedade e estejam alinhados

aos princípios do SUS. Então esse é o grande desafio que nós temos em todas as áreas. Uma questão que eu destaco, de forma bastante importante, com relação à nossa universidade que a gente vivencia muito, é que nós temos uma parceria muito consolidada com o nosso distrito docente assistencial, que é a coordenadoria leste, era gerência Partenon, Lomba do Pinheiro, e leste/nordeste, agora coordenadoria leste, onde a gente já trabalha, de forma muito intensa e ativa, desde 2008 e consolidamos os cenários de prática na Atenção Básica para os cursos, especialmente enfermagem, medicina e odontologia, e trabalhando com uma ampliação também importante da atuação de outros profissionais, psicologia, fisioterapia, educação física, nutrição, farmácia que são áreas que vêm também expandindo e a gente quer ver mais esses profissionais na Atenção Primária. Então, hoje dentro do escopo da área da odontologia, e depois eu deixo pro João também reforçar, a área da saúde coletiva e da saúde da família é um eixo de formação muito importante. Acho que o Fernando trouxe muito bem e é uma área que a gente faz essa interface, não só com as unidades de saúde, mas com outros dispositivos do território, como as escolas essencialmente, centros de fortalecimento de vínculo, visitas domiciliares e esses atendimentos nos domicílios, porque a gente tem uma parcela importante da população que acaba sendo mais restrita ao leito ou com dificuldades de mobilidade. A gente sabe que alguns territórios não favorecem também essa locomoção da população. E dentro do nosso serviço-escola de odontologia, hoje a gente tem mais de 200 consultórios odontológicos em atendimento. Semana passada, fizemos a revitalização de 52 ambulatórios, cadeiras, adequando algumas questões da Vigilância, para que a gente possa, até o final do ano, avançar nessa parceria com a Secretaria Municipal da Saúde para oferta de consultas especialidades, por meio do centro de especialidades odontológicas, que, com certeza, acho que vai agregar muito ao atendimento da população de Porto Alegre. Sem dúvida, é um acréscimo e um ganho para o ensino também, que conecta, cada vez mais, os objetivos da Secretaria Municipal da Saúde de ampliação do atendimento de saúde bucal e também do Sistema Único de Saúde. Para vocês terem ideia, hoje, na universidade, a gente

tem em torno de 350 atendimentos/dia; em 2022, totalizamos 56 mil atendimentos à comunidade. A cada semestre, quando a gente tem... Isso, obviamente, com a contratualização, com a possibilidade de ter o referenciamento por Gercon, enfim, essas possibilidades que a contratualização nos permite mudam um pouco o cenário, mas, a cada início de semestre, eu não preciso dizer para vocês a fila e a procura que a gente tem para que as pessoas consigam atendimento odontológico nas mais diferentes áreas. Obviamente, as especialidades são as mais procuradas.

SR. FERNANDO RITTER: Só complementando. Hoje eles não estão oficialmente dentro da rede do Município. Quando eles adentrarem, a organização vai ser a partir do Gercon e a definição por prioridades, de acordo com o risco da pessoa. Por exemplo, a endodontia, nós definimos, e eu participei do processo da construção: um menino de 12 anos de idade com o primeiro molar precisando de tratamento de canal, ele tem mais necessidade do que, por exemplo, uma pessoa de 70 anos com o primeiro molar, por causa do tempo de vida útil desse processo. Diferentemente, por exemplo, de hipertenso e diabético, é o contrário. Tem alguns que têm gestantes, tem vários pontos a serem considerados nisso. Aí essas pessoas que serão encaminhadas ao Centro de Especialidades Odontológicas seguirão o critério de prioridade de todo o Município de Porto Alegre, será feito isso. As instituições privadas a gente não regula a agenda deles, até porque tem um processo que é de acordo com a necessidade do aluno. O aluno precisa fazer uma endodontia de molar, então, tem que selecionar o paciente dentro daqueles que têm condições de poder fazer. Às vezes, a pessoa tem mais necessidade, mas ela tem uma coroa do dente comprometida, precisa fazer um tratamento periodontal junto. Então, na formação, é um pouco mais difícil – não é, professor João? – de a gente poder fazer isso, mas, dentro do Centro de Especialidades, nós vamos conseguir fazer com tranquilidade, e eles vão estar usando o mesmo prontuário que nós. Só complementando.

SRA. ANDREA GONÇALVES BANDEIRA: Perfeito, Fernando. Hoje a gente tem essa procura, obviamente, o Centro de Especialidades nos auxiliará na qualificação também dessa demanda das especialidades e de um atendimento maior das necessidades que vêm das unidades. Hoje a gente já tem uma parceria na área da radiologia para as unidades onde os nossos alunos atuam, a gente já recebe pacientes sem nenhum custo, faz as radiografias panorâmicas, enfim, de acordo com a necessidade. Mas a nossa ideia é também, cada vez mais, atuar e unir esforços. Hoje a gente tem um corpo docente extremamente qualificado, a gente tem a graduação e a pós-graduação nas especialidades, que também estão atuantes no atendimento à população, e o objetivo é poder contribuir, dentro desse escopo, para ampliar a cobertura de saúde bucal de Porto Alegre. Não tem, eu acho, como falar no atendimento odontológico sem falarmos no SUS. O Fernando trouxe, a cobertura de planos odontológicos, ela é baixíssima, os procedimentos odontológicos têm um custo elevado, o que dificulta o acesso da população, então, investir na ampliação da cobertura de saúde bucal acho que tem que ser um compromisso de todos nós. As instituições de ensino também têm que ter esse compromisso junto com o poder público, para que a gente possa avançar.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, Dra. Andrea. O Dr. João, representando também a PUC, está com a palavra.

SR. JOÃO BATISTA BLESSMANN WEBER: Bom dia a todos e a todas, só complementando alguma coisa que a Andrea já falou e alguns pontos que o Fernando falou muito importantes. A atenção à família, Fernando, hoje a cárie dentária é considerada uma doença comportamental. No momento em que a gente consegue entrar na família, mudar hábitos alimentares, escovação com dentifrício fluoretado, que é uma das evidências científicas mais robustas que a gente tem hoje na odontologia, que é realmente a eficácia do flúor, então, é fundamental isso. A questão dos exames de raios X, fiquei muito feliz que todos vão ser digitais, isso também tem um impacto ambiental, já que a gente não usa

mais reveladores, fixadores. Levar um aparelho portátil, por exemplo, para uma residência, isso significa muito, porque eu faço diagnóstico ali em questão de um minuto. Esse diagnóstico pode ser, por exemplo, uma proteção pulpar, que eu faço também até na cama do paciente e, se eu faço isso, eu evito que aquilo progrida para uma endo, muitas vezes, para uma exodontia. Pela demora de conseguir uma radiografia, esse paciente retorna, o processo de cárie foi adiante, e a gente acaba com um problema bem maior. São pontos fundamentais. Essa questão de o aparelho não estar ainda regulamentado pela Anvisa, tem uma coisa de que eles não se dão muito conta. O aparelho portátil, mais a película digital, diminui muito a intensidade do raio, então, além de tudo, ele é mais seguro para usar até numa clínica em função de um menor tempo de exposição a uma radiação. Outra questão é a odontologia hospitalar. A gente confunde muito hoje assim: “Ah, eu tenho um cirurgião da traumatologia, tem uma fratura de mandíbula, então ok”, mas aquele paciente, o doente cardíaco, ele não tem um dentista, até um generalista, que vá fazer higiene bucal, que vá fazer um bochecho, que vá usar uma clorexidina, e isso influi muito na saúde geral do paciente, e às vezes, muitas vezes, acaba tendo um quadro muito pior e um gasto imenso numa internação e no tempo de internação.

Contem com a PUC também, a gente está lutando muito por esse SUS, certamente a gente vai conseguir, já estamos adequando todas as clínicas, às vezes a gente fica sem paciente na endodontia para atender e a gente tem uma lista imensa no SUS, e isso não pode acontecer. Certamente a gente vai ganhar muito, os alunos vão ganhar muito e a população também. A gente está começando agora também com o programa Fellowship em Odontologia de já formados, já especialistas, para voltar para a universidade, e isso também vai aumentar a nossa capacidade de atender esses pacientes.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, Dr. João.

SR. FERNANDO RITTER: Só sobre a pergunta dos dentistas do IAPI, que a vereadora...

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): A Dra. Monica está com a palavra.

SRA. MONICA FRANCIOSI HERMANN: Em relação às duas perguntas, uma sobre o retorno do CEO da UFRGS: desde janeiro de 2023 a gente fez o contrato com eles, e estão atendendo, com o Centro de Especialidades, sete especialidades. Não é um quantitativo como os nossos CEOs, por serem alunos universitários que lá atendem, mas é muito bom o atendimento, retornou e é regulado por nós. Sobre o Postão IAPI: tem duas áreas no IAPI, que são as áreas 14 e 16, uma é a parte da Atenção Primária e a outra é o Centro de Especialidades Odontológicas. Tem muitas cadeiras, são nove cadeiras, a gente fez a ampliação, colocamos novas cadeiras e, nesse último concurso público de dentistas, a gente chamou dentistas para atenderem ali. Todos os consultórios são ocupados, o que falta agora são os auxiliares de saúde bucal para realmente o atendimento ser mais efetivo, como o Fernando já tinha falado, pois eles ajudam na esterilização, no atendimento que a gente chama a quatro mãos, alcança o instrumental, ajudam na higienização, todo esse processo de atendimento depende de auxiliares; então, o problema hoje ali é a falta de auxiliares e não de dentistas, a gente tem todos os consultórios ocupados. Na Atenção Primária são quatro cadeiras, e também a gente chamou dentistas para colocar ali e ter atendimento até as 22h, tem atendimento noturno, uma equipe fica até as 22h. A ideia é também passar essa parte da Atenção Primária, como é no segundo andar e todo o restante da unidade é no primeiro andar, transferir essa parte para o térreo, onde ficam todos atendimentos juntos, aí a equipe fica melhor integrada. O Postão ainda está em obras, agora teve uma parte estrutural que está com problema, então, após isso, a ideia é transferir esses consultórios lá para a parte térrea e talvez ampliar o Centro de Especialidades ainda mais nesse espaço, aí vamos ver como é que a gente vai fazer para ter mais dentistas, mais especialistas atendendo.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, Dra. Monica. A Dra. Isadora, representando a PGM, está com a palavra.

SRA. ISADORA GRUMBT NAJJAR: É bom esclarecer que eu não sou médica! Boa tarde, presidente, boa tarde aos demais, eu gostaria de agradecer muito o convite para estar presente mais uma vez aqui na reunião, porque pensar em solução jurídica para uma demanda que vem só no papel é muito mais difícil do que quando a gente entende a raiz da demanda – muito mais difícil. Nesse sentido, a presença da PGM aqui nas reuniões da COSMAM tem sido muito produtiva. Quero reiterar que a PMS 02, que é a setorial que fica junto à Secretaria de Saúde, está sempre à disposição para tentar enquadrar as soluções da Secretaria e soluções políticas e técnicas ao ordenamento legal da melhor e mais segura forma possível. Obrigada.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): O Sr. Acir está com a palavra.

SR. ACIR LUIS PALOSCHI: Bom dia, eu sou do Conselho Local de Saúde, da Unidade de Saúde Panorama e também sou assessor do Ver. Aldacir Oliboni. Algumas perguntas sobre a questão da UFRGS surgiram ali no gabinete, porque uma pessoa nos procurou dizendo que tinha sido rompido o contrato e foi parado o atendimento daquele povo que estava sendo atendido na UFRGS; ao retomar o contrato, esse povo foi chamado de volta? Pela informação que eu tenho, não. Seria importante talvez buscar esses cadastros e retomar o atendimento, porque são pessoas que precisam, que estavam lá porque precisavam, até posso passar depois o contato dessa pessoa, mas devem ter outras várias.

A segunda questão é a seguinte: uma das coisas mais importantes no atendimento à saúde bucal é o cuidado desde a infância, na família, evidentemente, mas também na educação; como está o programa de atendimento nas escolas com a questão bucal? Porque teve um período que houve uma parada. Eu acho que, se teve parada, tem que retomar isso, é fundamental. E tem um projeto indicativo do Ver. Oliboni, até acho que dá para dizer que foi contemplado, que são 17 unidades de emergências noturnas, como vai até às 22h, acho que já está... Porque, na verdade, o que acontece? As unidades de saúde atendem emergência, mas como tem um número “x” de

atendimentos, muitas vezes, a pessoa chega e não consegue ser atendida. Então, elas procuram à noite, aonde? Elas iam no Prono Socorro ou na Cruzeiro, com as 17 unidades, eu acho que dá uma folgada nisso, mas eu acho que seria importante a gente pensar em mais regionais, por exemplo, tem a Cruzeiro, tem aqui no Centro, mas a Leste, a Norte, na emergência, eles têm que se deslocar tão longe para ser atendidos. Então, a gente pensar um pouquinho nisso.

E a outra coisa é a seguinte: quando a gente fala de atendimento, não é só o primeiro atendimento, não é só, às vezes, uma cárie, mas a nossa população é muito pobre e, muitas vezes, precisa de aparelhos ortodônticos até para corrigir, deixar os dentes mais qualificados. Aonde eles podem procurar? Além da UFRGS e da PUC, porque a PUC, agora, vai entrar no sistema, que bom, que bom se a gente pudesse ter uma UFRGS, uma PUC em cada região, para que cada região pudesse ter referência, acho que isso... É como nos hospitais: tu és atendido na Lomba, qual é o teu hospital referência? Isso facilita muito e para questão dentária acho isso seria importante também.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado. Antes, eu vou passar para o secretário e passar aos colegas da mesa aqui para encaminhamento. Eu encaminhei lá para o Postão da Cruzeiro uma emenda para disponibilizar, dentro que o Acir falou, 150 próteses, eu encaminhei uma emenda para lá. Então, secretário Ritter, para responder as perguntas.

SR. FERNANDO RITTER: Muito bem. Primeiro, falando sobre a questão da UFRGS. O processo foi retomado lá e os pacientes que estão sendo encaminhados para lá são de acordo com o sistema do Gercon. Então, a unidade coloca, porque o paciente não é da UFRGS, ele é do SUS. A UFRGS ou a PUC, quando entrar, ou a outra universidade, ou o IAPI, eles são somente um meio da coordenação desse cuidado. Se a gente fazer hoje a coordenação do cuidado, desde a atenção primária, ele vai e volta, entendeu? Se tiver alguém que o tratamento não foi concluído, pode nos passar, desde que ele tenha entrado via sistema do Município. Às vezes, o paciente entrou lá pela fila independente que

tem na PUC e na UFRGS, que são os pacientes que não seguem a priorização, mas, sim, a necessidade do ensino. Então, a gente tem que separar isso, mas fica à disposição aqui para caso o paciente tenha interrompido o tratamento por algum motivo e foi encaminhado pelo Sistema Único de Saúde, tudo certinho, a gente pode equalizar isso com toda a tranquilidade do mundo, tem que concluir o tratamento.

Com relação às urgências, então, nós temos hoje 17 unidades de saúde até às 22h, todas elas com equipes de saúde bucal funcionando. Nós temos duas que são 24 horas, uma na Zona Norte e outra no Centro-Sul, que fica aqui no Postão da Cruzeiro. Pelo volume de atendimento, a gente não precisaria ter uma outra. Eu confesso, sou muito transparente nisso, eu prefiro, com esse recurso, botar mais equipes de saúde bucal do que a gente investir num recurso... Mesmo que seja mais perto, eu sei, a pessoa mora lá na Restinga, a pessoa mora lá na parada "x" da Lomba, é difícil realmente a gente atender isso, mas, talvez, botar mais turnos, até às 22h, é uma coisa mais viável de a gente colocar isso dentro do processo.

As escolas, nós temos o Programa Saúde na Escola, o PSE, que é um programa nacional, então, nós nunca deixamos de ter programação na escola, por algum momento, ele foi reduzido para focar no acesso às pessoas que são doentes. Então, nós estamos estimulando, porque eu acho que a gente tem que pegar na origem o problema, e a escola é um grande meio de a gente poder fazer esse processo de interligação. Então, a gente vai estimular, cada vez mais, a questão do Programa Saúde na Escola, ampliar a questão da identificação da necessidade, a triagem, mas não só fazer procedimento, mas fazer também atividade educativa, aplicar flúor para quem está com atividade de cárie, localizar a criança que está com dor e puxá-la imediatamente para unidade de saúde. Isso tudo nós estamos estimulando e todas as unidades têm as suas escolas de referência.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado. O Ver. Aldacir Oliboni está com a palavra.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Já estou vendo que está indo para o final, então, queria fazer algumas considerações. Primeiro, que bom que o secretário municipal de saúde tem, vamos dizer assim, o seu norte na odontologia, que é o assunto que a Mônica aqui traz nesta manhã, e ele está apresentando alternativas importantes aqui e sinalizando a ampliação do serviço, isso é uma coisa que dialoga com que nós sempre preconizamos aqui como vereador da cidade, a medida que nós visitamos algumas unidades e percebemos que ainda não há um atendimento, vamos dizer assim, atendendo a demanda atual, sempre fica com uma certa demora, como foi levantado aqui. Por um outro lado, essa parcerização, que o Município está ampliando, e aqui teria como norte a questão da PUC, eu sou testemunha do excelente trabalho que eles fazem, até porque trabalho lá há 40 anos, e é realmente uma demanda muito pontual, na medida que não só a comunidade do entorno se serve desse serviço, mas também ela oferece outros procedimentos, outros serviços, que, por sua vez, ainda o SUS não dá cobertura. Eu creio que o poder público poderia ampliar isso, como, de fato, na tua tabela aqui, Fernando Ritter, tu apresentas, não só prótese, ortodontia e tal, mas que agilize. Se tiver uma anuência da Câmara de Vereadores, aqui pela comissão, tu tens hoje, de apoio à ampliação a essa parcerização, não só na UFRGS, como de fato volta esse serviço, que tem uma certa referência também, ou também outras trazidas aqui pelo Acir, que não é meu assessor por acaso, ele tem 20 anos do meu mandato. Foi colega do Ver. José Feitas no Conselho Tutelar.

Eu faria um outro apelo também, Fernando Ritter, que é o seguinte: esse vínculo que o agente comunitário de saúde tem é mais do que fundamental, e ele foi precarizado no governo federal anterior. Porque, queiram ou não, ele reduziu as equipes, de quatro ficou para uma, em algumas unidades duas. E tu disseste exatamente o que nós pensamos: é essa pessoa que sabe que o seu João precisa de um atendimento, de um medicamento controlado. E está se perdendo esse vínculo. Eu visitei, nesse final de semana, a pedreira, ali no Cristal. Meu Deus do céu! A gente viu que para uma agente comunitária saúde é impossível atender tantas famílias. E aí eles fazem um apelo, ali é uma parcerização com

o IBSaúde, e a gente viu que numa unidade de saúde tem três equipes, outra tem quatro, mas tem três e tem quatro agentes. Então, e aqui a diretora Vânia disse que isso estava sendo reavaliado, sendo revisto isso no sentido de ampliar, tanto o número de agentes comunitários de saúde como agentes de endemias. Então, eu queria reforçar isso porque esses agentes é que vão trazer esse cidadão que precisa de um tratamento, não só odontológico, como também outros, para a unidade de saúde, para poder dar uma certa dignidade. Porque, às vezes, as pessoas estão passando fome. Em Porto Alegre tem muita gente que passa fome, imaginem cuidar, enfim, da saúde bucal. Então, quero parabenizar pelo trabalho, e vida que segue! Esperamos que logo, logo essa parceirização com a PUC seja efetivada.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Algo que me chamou a atenção é que o Ver. Oliboni já está usando o termo “parceirização” e não “terceirização”.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Nós temos divergências aqui, mas nada que impeça que o cidadão tenha dignidade.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): A Ver.^a Lourdes Sprenger está com a palavra.

VEREADORA LOURDES SPRENGER (MDB): Quero dizer que essa pauta é muito importante porque veio o Município aqui. Em anos anteriores nós trazíamos as entidades; o Ver. Freitas está há bastante tempo nesta comissão. São muito importantes os esclarecimentos, e até eu pediria, se pudessem deixar para a COSMAM esse material, porque, às vezes, no plenário mesmo, nós temos que fazer alguma colocação e nós não temos os números. Ficou bem esclarecido com relação ao Posto do IAPI, eu fiquei com essa curiosidade, também nós temos o postinho ali na Zona Sul, que tem duas cadeiras, na última vez em que eu estive ali era um dentista só, estava faltando, mas isso já faz um ano. O trabalho da PUC também, eu não uso, mas sei que o atendimento odontológico,

hoje, é difícil para muitas pessoas, pessoas da classe média até não estão tendo condições nem de pagar convênio, pelos elevados custos. O Ver. Oliboni fala na periferia e eu já falo no meio que eu vivo, que é classe média média. Hoje, um atendimento odontológico não é acessível, um implante R\$ 2.500, por exemplo; e também há os outros atendimentos. Então, muito importantes esses esclarecimentos para nós, que estamos há tanto tempo nesta comissão. E eu tenho uma curiosidade: 60% da cobertura da população seria aquele atendimento inicial? Por exemplo, eu estou com dor de dente, vou lá, eu faço a extração, eu faço a obturação, a pessoa volta? É um tratamento completo ou é aquele inicial que vocês fazem essa apuração? E parabéns!

SR. FERNANDO RITTER: Boa pergunta, vereadora. Primeiro, para a gente calcular a cobertura, a gente usa um parâmetro populacional. Então, a gente diz que 60% da população tem um dentista pra cada quatro mil pessoas; que é o padrão que o Ministério da Saúde usa. Então, é como na Estratégia da Saúde da Família, nós temos trezentas e poucas equipes de saúde da família, então nós estamos com 86% de cobertura. Ou seja, 86% da população tem um médico, um enfermeiro, um técnico de enfermagem e um agente comunitário de saúde, pelo menos, para cada quatro mil pessoas. Esse é o parâmetro que a gente usa de cobertura. Então, na saúde bucal, entende-se que é o seguinte: 60% da população tem um dentista para cada quatro mil pessoas. É isso. E qual era a outra pergunta? Da cobertura e...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: Ah, sim. Perfeito. É tratamento completo. A gente trabalha com a questão do tratamento completo. Faz o primeiro atendimento e depois são agendados os demais, até receber alta naquilo que a atenção primária consegue fazer. Se precisa fazer tratamento de canal, ele recebe alta da atenção primária, mas ela vai para o Gercon – sistema de gerenciamento de consulta especializada – para fazer a endo, para fazer um tratamento mais

complexo de periodontia, para fazer uma cirurgia bucomaxilo; ele faz isso e volta para a unidade de saúde, sempre volta para a unidade de saúde.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Eu gostaria de propor aqui um encaminhamento, eu sou Presidente da Frente Parlamentar para Discutir Políticas Públicas sobre a Psoríase, e nós enviamos, eu enviei pelo meu gabinete e pela frente parlamentar, lá para a [Conitec](#), no Ministério da Saúde, uma solicitação para incluir um medicamento na tabela SUS, e foi acatado. Então, eu queria colocar para os colegas vereadores que a comissão aqui está à disposição, e com relação a essas lutas que tem a Secretaria, de repente, poderíamos formalizar um ofício para fortalecer o pedido lá para o Ministério da Saúde, tá *ok*? E eu acho que emendas parlamentares também...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Nós direcionarmos para digitalizar os raios X, enfim. A Ver.^a Cláudia Araújo está com a palavra.

VEREADORA CLÁUDIA ARAÚJO (PSD): Bem, eu anotei algumas questões da apresentação e me chamou atenção que o Divina e a Santa Casa são os postos que mais têm falta de consultório odontológico. A região destes postos, não é, são só três do IBSAÚDE, a maioria é do Divina e uns dez, doze da Santa Casa. Não tem como, dentro destes contratos de parcerização, acrescentar essa questão dos consultórios, porque eu sei que isso é via edital, tem todo um regramento, mas com essas instituições para que eles colaborem, para que a gente possa fazer essa ampliação. Porque tu dizes que tem esse trabalho já, mas é obra. Então, assim, em princípio, talvez facilite se a gente conseguir fazer via parcerização. Tinha que pensar alguma coisa com relação a isso dentro dessas entidades. Com relação ao autismo, que eu comentei ali, quando tu falas em paciente, eu trouxe essa questão em função de que eu tive um... eu tenho uma dentista, eu tenho um grupo, que é o Amor ao Próximo, que tem uma

dentista que faz voluntariamente um trabalho. Ela tem um consultório móvel e ela faz na minha casa, atende uma vez por mês pacientes com deficiência. Por quê? Porque a gente tem o problema que hoje os profissionais, a maioria dos profissionais, não são todos, eles têm uma resistência muito grande de atendimento a pacientes com deficiência, porque a criança baba, porque a criança morde, porque a criança tem vários problemas, dependendo da deficiência dela, e muitos profissionais não querem fazer esse atendimento. Então, ela atendeu uma criança com autismo que precisava de sedação, porque a dentista que atendeu essa criança anteriormente machucou, sem querer, claro, mas machucou no atendimento, e a criança entrou em surto, entrou em pânico, e ela não conseguiu terminar esse acesso. Foi bem complicada a situação, e a dentista, essa voluntária, fez o atendimento, foi tudo super bem, fez com sedação no consultório dela, tudo certinho. Então, é uma preocupação que a gente tem, muito grande, quando tu falas em sedação, e eu acho que a questão realmente é de capacitação dos profissionais. Nós precisamos oportunizar aos profissionais que queiram – eu acho que não pode ser para todos – porque não são todos os profissionais dentro de uma área que têm capacidade de atender certa demanda, como em todas as áreas. Daqui a pouco, tem um advogado que é especialista em família e não consegue fazer outro tipo de... então tudo tem... não pode... que seja uma coisa geral. Tu falaste que o ideal é que todos os profissionais... não tem como, eu acho que a gente tem... Eu tenho condições de fazer, eu quero fazer, então vamos capacitar essa pessoa, esse profissional que tem condições de fazer, não é? Acho que não é que... se falou em custo, não é? Custo de uma prótese, custo disso, custo daquilo, acho que não é questão de custo; é questão de acesso. Nossa maior preocupação é acesso. Por isso eu perguntei com relação à PUC, mesmo sendo privada, sendo por chegada, às vezes, a gente tem necessidades urgentes e a gente precisaria ter essa construção com a entidade. Eu não ouvi falar... eu vi falar em prótese, mas não ouvi... tem uma ligação com os implantes. Como é que faz? Não tem implante, pelo que eu sei, não é? E aí a gente procura buscar o básico necessário, mas, às vezes, a única solução para o tratamento é a questão do implante. E isso é muito caro. Então,

assim, como é que a gente trabalha essa questão? E eu tive visitando... e eu sou parceira da Casa do Menino Jesus de Praga, que atende crianças com deficiência, e eles têm disponibilidade – eu já comentei isso, inclusive com o prefeito –, eles têm dois consultórios odontológicos, utilizam um consultório odontológico para os pacientes da Casa e já ofereceram. E eu acho que a gente tem que trabalhar isso, daqui a pouco, eu sei que tem a questão orçamentária, tudo, mas eu acho que a gente tem que buscar parceiros para, daqui a pouco, atender à comunidade, nem que seja do entorno, porque eles têm disponibilidade, têm um consultório sem atendimento, que está disponível para atender à população. E eles querem essa parcerização. Então, daqui a pouco, também é um meio de a gente melhorar o atendimento daquela região. E, para encerrar, eu queria dizer que a gente – como tu comentaste, não é, Fernando? – a gente está fazendo um piloto, eu estou fazendo uma emenda impositiva com o IBSAÚDE, 260 mil é um consultório móvel que nós vamos fazer neste ano para atender às comunidades, diretamente na comunidade com atendimento móvel. Depois que a gente fizer esse piloto e ver que tudo dará certo, a gente precisará do apoio dos vereadores para que a gente tenha mais emendas impositivas e coloque mais consultórios móveis nas regiões, porque também é uma forma de atender àquelas comunidades que não têm acesso muitas vezes via posto. Porque, como diz a Ver.^a Lourdes, a gente faz a primeira consulta, aí, ele é encaminhado via Gercon para o atendimento. Mas quanto tempo leva isso? E essa é a maior preocupação, porque a gente sabe da demora, seja na questão odontológica ou em qualquer outro tipo de consulta, até a gente conseguir encaminhar e conseguir atender, às vezes, a gente perde o *time*, não é? Então é isso. Muito obrigada.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado, Ver.^a Cláudia. Ver.^a Mônica, então, já para fazer o encerramento.

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): Obrigada, presidente. Eu quero agradecer a presença de todos, e essa pauta, esse tema sempre me preocupou muito e

não é de agora. Eu conheci um grande dentista dedicado à saúde bucal das pessoas necessitadas que se chamava Raphael Onorino Carlos Loro, que faleceu e era o diretor da Odonto da PUC. E eu aprendi com ele a conhecer o atendimento às pessoas necessitadas e eu me apaixonei por essa causa e, por isso, trouxe e lembrei muito do Fernando, que é a área dele. Então, quando o convidei, até disse que ele iria dominar, claro, e fez aqui uma excelente apresentação. E vou resumir os elogios, dizendo que até o Oliboni da oposição te deu parabéns, elogiou, então...

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): É, gravaram, não é?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): Não preciso dizer mais nada. Mas esse serviço da escola, do curso de odontologia é extremamente importante, e a comissão, justamente, convidou os representantes da PUC para saber de que forma nós podemos ajudar, como o Legislativo, o poder do Legislativo pode ajudar. Esta comissão tem poder, então, sintam-se extremamente abraçados, acolhidos nessa causa e compartilhem conosco das necessidades para que a gente possa buscar.

Quero também agradecer aqui e elogiar a presença constante da PGM. Eu sei da importância de vocês estarem aqui, é uma novidade isso o que está acontecendo em todas as reuniões. Falaste muito bem, doutora, quando disseste que uma coisa é trabalhar no papel, e a outra é ter a noção, é conhecer a verdade. Eu acho que, principalmente, é um combustível para buscar a solução jurídica, isso para nós é extremamente importante como comissão.

Eu quero aqui, secretário, fazer uma pergunta: de que forma a comissão pode ajudar no direcionamento de recursos como o senhor colocou: “Eu preciso de recurso, por favor, nos ajudem”! De que forma nós podemos ajudar?

SR. FERNANDO RITTER: A gente poder construir consultórios odontológicos porque precisa fazer uma ampliação, porque as unidades de saúde da Zona Norte – como muito bem colocou e muito bem observou – que estão concentradas lá porque são as unidades mais antigas. Lembra que, em Porto Alegre, o local que era menos abastecido de assistência era a Zona Sul. Hoje melhorou bastante, inclusive, com hospitais, e dá ciúme da Zona Norte para Zona Sul agora, porque as pessoas estão indo para Zona Sul. Eu sempre brinco: o pessoal da Zona Sul está tão acostumado a ir para tudo que é lugar – ir para Zona Norte ser atendido no Conceição, no Banco de olhos e outros locais –, agora, o pessoal da Zona Norte não está tão acostumado de ir lá, por exemplo, para a Restinga, entendeu? Parece que tem um movimento – essa é uma impressão minha, não tem nada de científico nisso – que as pessoas não têm o hábito de andar para trás. Então a pessoa do Centro ir para Restinga parece uma heresia, mas o pessoal da Restinga não tem problema nenhum de vir para o Centro dentro do processo. Mas a gente tem que mudar a cultura dentro disso. Eu acho que a compra de tecnologias, de equipamentos – eu não desisti dessa questão do raio X móvel, eu vou conseguir de alguma forma.

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): Eu até gostaria de, nessa questão do aparelho digital que necessita da aprovação da Anvisa, a comissão poderia buscar ajuda da bancada federal gaúcha para que isso tivesse uma ...

SR. FERNANDO RITTER: Já tem outros países.

VEREADOR ALDACIR OLIBONI (PT): Só para ajudar, eu acho que tem que sair um documento daqui.

SR. FERNANDO RITTER: A gente constrói junto com vocês, tecnicamente, isso aqui, eu faço questão de eu mesmo estar junto dentro disso, porque não faz sentido nenhum, gente, tu teres um raio X móvel e tu teres que botar num tripé e se afastar, não faz sentido. Nos outros países do mundo, as pessoas usam,

por que que aqui gente está transformando um raio X móvel em uma coisa fixa? Por que acabou de dizer, se é para fazer tudo isso, se equivale muito ao preço... o raio X não é uma coisa tão cara. Mas tu montares um raio X na parede, fixar, botar um braço, gente, demora muito mais tempo. E se eu comprasse... então não tem que fazer sentido isso. Então acho que é isso.

E a outra questão é ajudar, especialmente, a PUC – que está num processo de modernização – se adequar. Eles ainda têm uma clínica inteira lá que poderia servir para o Sistema Único de Saúde para poder fazer a reforma. Então, talvez, alguma emenda. Para fazer isso, são quantos consultórios?

(Manifestação fora do microfone. Inaudível.)

SR. FERNANDO RITTER: São 25 consultórios, 25 cadeiras odontológicas que poderiam estar ajudando. E aí a gente pensar, inclusive, numa modalidade maior como essa dois, entendeu? Para eles isso é importante. Não é um custo tão alto, claro, para um vereador único, exclusivamente, talvez seja um custo alto, mas talvez com todos os deputados e parceiros... A PUC presta serviço, eles já fazem gratuitamente. Agora, eles vão entrar dentro da rede oficialmente, porque eles já fazem isso. Isso também ajudaria bastante.

VEREADORA LOURDES SPRENGER (MDB): Eu queria fazer uma colocação: eu acho que todos nós, vereadores, depois das emendas impositivas temos dado um salto de soluções em muitos locais. Já que os vereadores falaram da PUC, tem um projeto de neurologia em que eu repassei R\$ 250.000,00 ao Hospital de Pronto Socorro para um aparelho importante para a cicatrização rápida que estava lá no total. Então nós temos tido essa sensibilidade e temos acertado nas transferências, porque depois a gente vai conferir, vai ver se está lá a instalação.

SR. FERNANDO RITTER: Se me permite, tem um trabalho que vocês deviam conhecer, por sugestão, que é o atendimento de fissurados, de crianças com fissura labiopalatal, o Cerlap.

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): Foi lá que eu conheci o Dr. Loro.

SR. FERNANDO RITTER: Gente do céu, aquilo lá é de primeiro mundo. Nascem crianças, e a gente consegue com rapidez, e a PUC é pioneira nisso e tem um centro de excelência nisso. Então, sugestão, é lindo.

VEREADORA MÔNICA LEAL (PP): Eu quero agradecer, mais uma vez, a presença de todos; à minha comissão, que acolheu essa pauta de forma tão pronta. E nos colocar sempre à disposição, porque realmente é importante que seja visto como saúde bucal e não só como estética. Obrigada.

PRESIDENTE JOSÉ FREITAS (REP): Obrigado presença de todos Nada mais havendo a tratar, encerro os trabalhos da presente reunião.

(Encerra-se a reunião às 11h.46min.)

TEXTOS SEM REVISÃO